

AMAZÔNIA

Estudo condena soja e pastagem na floresta

" Não há convivência possível entre gado e matas"

Wilson Nogueira
de Manaus

O uso econômico sustentável da biomassa amazônica está vinculado aos sistemas agroflorestais. Outros tipos de exploração, como as pastagens para a criação de gado e o plantio de soja, são perigosos porque desprotegem os ecossistemas sustentados pela floresta. A constatação é de cientistas que atuam no Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), realizado em parceria pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) com o Instituto Smithsonian, vinculado ao governo dos Estados Unidos. "Os sistemas agroflorestais estão mais próximos da imitação do ambiente natural por isso causam menos danos", disse o cientista do Inpa Heraldo Vasconcelos, coordenador do PDBFF.

Há 22 anos, cientistas brasileiros e norte-americanos estudam comunidades de plantas e animais antes e depois do isolamento para a criação de pastagens nos arredores de Manaus. As informações coletadas nesse ambiente são comparadas com as das florestas contínuas. No mesmo programa, são investigadas a ecologia tropical básica, a regeneração florestal e a recuperação de áreas degradadas. Vasconcelos informou que as pastagens são a pior opção de aproveitamento econômico do espaço amazônico. "Nenhum organismo de floresta consegue sobreviver nas pastagens", afirmou.

As áreas desmatadas para culturas rasteiras (pastagens e grãos) alteram o microclima também das áreas que são poupadas e elevam a taxa de mortalidade das árvores em 15%, comparando-se com a de florestas contínuas. As árvores ficam mais sujeitas a rajadas de ventos e são destruídas em "efeito dominó". Ao mesmo tempo, os ventos em áreas sem florestas se tornam mais quentes e secos e causam estresse nas

árvores, principalmente nas adultas localizadas na borda dos fragmentos. Durante o fenômeno El Niño, em 1998, a taxa de mortalidade nas áreas investigadas triplicou.

As pesquisas do PDBFF são realizadas em uma área de 100 quilômetros quadrados pertencentes a três fazendas do Distrito Agropecuário da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Cada "ilha de floresta" corresponde a 50% da área das fazendas, conforme determinava a legislação da época. Atualmente, essa taxa de proteção legal está determinada em 80%.

Os cientistas constataram ainda que várias espécies de pássaros, de macacos e insetos desapareceram, enquanto grupos de sapos e de pequenos mamíferos permaneceram estáveis ou cresceram após se isolar nos fragmentos. Esta é uma prova de que os fragmentos florestais podem ser dinâmicos no espaço e no tempo, o que reforça a preocupação dos cientistas sobre a necessidade de estudos de longo prazo na Amazônia, cujos resultados levarão ao planejamento de uso autosustentado de seus recursos.

Os resultados das pesquisas do PDBFF indicam que os sistemas agroflorestais podem responder ao aproveitamento econômico com o menor impacto possível sobre o ecossistema amazônico, segundo o coordenador do programa. No momento, entre 15% e 20% dos 3,5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia brasileira estão desmatados, com níveis que variam de estado para estado. O Mato Grosso, por exemplo, tem 60% das suas terras sem cobertura florestal, enquanto no Amazonas apenas 2% encontram-se nessa condição. Vasconcelos disse que somente por intermédio do conhecimento científico será possível planejar o desenvolvimento.

Estrutura falha para escoamento

O cientista Goetz Sthroth, especialista em fertilidade de solo, disse que os sistemas agroflorestais respondem às necessidades de sustentabilidade do ecossistema amazônico e podem gerar dinheiro para os seus habitantes, mas dependem de meios de escoamento da produção. Os mais comuns estão relacionados ao cupuaçu, castanha-do-brasil e borracha. "São culturas que não exigem elevados investimentos em tecnologia, favorecem os pequenos agricultores e não agridem o solo", afirmou Sthroth. Para o cientista, os sistemas agroflorestais se tornarão economicamente viáveis na medida que forem favorecidos com infraestrutura de escoamento e técnicas de comercialização, para que os agricultores possam agregar mais valor de mercado aos seus produtos.

O plantio de grãos em larga escala no Amazonas está em estudo no grupo André Maggi, que prevê a produção, dentro 15 ou 20 anos, de cerca de 500 mil toneladas de soja em terras degradadas por projetos agrícolas fracassados e em campos naturais localizados no Sul do Estado. Uma intervenção desse porte, causará uma série de efeitos colaterais sobre a região, segundo o cientista e pesquisador do Inpa Philip Martin Fearnside, especialista em ecologia amazônica. Ele acredita que, por força de muito investimento em máquinas e fertilizantes, essas terras poderão se tornar economicamente produtivas, porém, a infraestrutura dessa atividade atrairá frentes extrativistas que causarão novos desmatamentos e reduzirão os estoques de biodiversidade. "As estradas, por exemplo, irão facilitar a exploração de madeiras", disse.

Para o pesquisador Fearnside, a melhor opção para o Brasil é negociar a função da floresta amazônica, como os estoques de gás carbono retidos nas árvores, que ajudam a manter o efeito estufa fora da atmosfera. Um hectare de floresta estoca em torno de 200 toneladas de gás carbono, o equivalente a US\$ 4 mil, segundo os cálculos dos cientistas.

Plantações
rasteiras
produzem
alterações no
microclima
amazônico